

A CENA INTERDITADA: ATIVISMOS ARTÍSTICOS FEMINISTAS NA PANDEMIA

Resumo



A partir de quatro ações de ativismo artístico feminista on-line (o projeto “Quarentena sem violência contra as mulheres”, do Mal-Amadas Poética do Desmonte Grupo de Teatro Feminista/SP; “Pílulas Feministas”, podcasts produzidos pelo Núcleo de INvestigações FEminIstAS/MG; a videoperformance “[des]velhecer: reflexões sobre a mulher e o envelhecimento [na pandemia]”, criação do Rubro Obsceno/SP; e o espetáculo teatral “Estamos vivas”, das Atuadoras/SP), este texto propõe um relato reflexivo sobre como estamos nos mantendo vivas e em atividade neste período de pandemia.

Palavras-chave:

Performance feminista. Ativismo on-line. Mulheres artistas.

A CENA INTERDITADA: ATIVISMOS ARTÍSTICOS FEMINISTAS NA PANDEMIA

STELA FISCHER¹

¹ Stela Fischer é artista da cena, pesquisadora, professora, ativista feminista, mãe. Pós-doutora em Artes da Cena, pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo. Autora do livro *Processo Colaborativo e Experiências de Companhias Teatrais Brasileiras* (Hucitec, 2010). É professora no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Em 2018, sua tese de doutorado *Mulheres, performance e ativismo: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana* ganhou o Prêmio Capes de melhor tese em artes do Brasil. Artista criadora do Coletivo Rubro Obsceno (SP), agrupamento de mulheres artistas que aborda os feminismos nas artes da cena. ORCID: 0000-0002-6140-7563. E-mail: stelafis@terra.com.br

Ação 1: Audiomensagem veiculada pelo YouTube²

MIGA,
Presta atenção:
Quarentena não tem nada a ver com agressão.
Nem em casa, nem na rua.
Não se deixe intimidar.
Te xingou? Ameaçou? Te humilhou? Pois é, o amor já acabou.
Tripudiou? Te empurrou? Te chutou? Sem querer? Ai já é demais!
Bateu? Pediu perdão?
No dia seguinte te culpou pela agressão.
E pra variar hoje o valentão acordou de ovo virado.
Te chamou de louca e mandou calar a boca.
Você chorou de vergonha da vizinha.
Presta atenção: é ele o agressor.
Dureza, né? Então, pega o “zap”, liga já: (11) 94220-9995.
Lá tem profissional pra te ajudar. Faz valer a lei. Maria da Penha tá do seu lado.
Agora, se o problema é com o ex, ou com o seu filho, irmão, pai, tio, coisa e tal.
Ligue e denuncie.
Não dê mole, não demore. A hora é agora.
Quanto ao sofrimento, acredite MIGA, vai passar.
É igual ao de muitas mulheres. Você não está só. Não vamos nos calar. Somos muitas, somos fortes.
Só faltar juntar.

² Esta audiomensagem da série “Quarentena sem violência contra as mulheres” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Evvy0BHYK8UY>. Acesso em: set. 2021.

Esta é uma das audiomensagens da série “Quarentena sem violência contra as mulheres”, campanha independente realizada pelo Mal-Amadas – Poética do Desmonte Grupo de Teatro Feminista em parceria com o Centro de Informação da Mulher (CIM), com condução da ativista feminista Martinha Baião³, em São Paulo.

O Mal-Amadas foi criado em 1992 para acolher e propor atividades artísticas para mulheres vítimas de violência doméstica da Casa Beth Lobo – Centro de Referência da Mulher da Cidade, do Município de Diadema, grande São Paulo – que também oferece atendimento social, jurídico e psicológico, com capacitação e atividades socioeducativas de caráter preventivo sobre as temáticas de gênero, raça e direitos das mulheres. A partir desse encontro, o grupo interessou-se pelo entrecruzar das agendas feministas e o teatro popular dialético, propondo experimentos cênicos que incitam o desmonte do patriarcado. Em 2002, o Mal-Amadas se instalou na Praça Roosevelt, em São Paulo, vinculou-se ao Centro Informação Mulher e, desde então, vem realizando pesquisa, intervenções urbanas, temporadas de espetáculos, exposições e ativismos feministas.

A campanha “Quarentena sem violência contra as mulheres” surge como uma possibilidade de continuar as propostas do grupo de enfrentamento e combate a essa realidade de vulnerabilidade física e emocional das mulheres, neste momento de parada por ocasião da pandemia. A série integra mensagens solidárias editadas em vídeo e criadas voluntariamente pelas mulheres artistas do Mal-Amadas e convidadas, formando uma corrente de solidarie-

dade e informação. O que se destaca na série é o informe didático sobre a tipificação das violências, como identificá-las e reagir a elas. Pretende, assim, uma acolhida virtual com desejada formação de redes de apoio e afeto, de incentivo e encorajamento à denúncia e orientações de atendimento às vítimas mesmo que à distância.

Todas as audiomensagens trazem, ao final, o repasse de informações de acesso aos canais de denúncia e serviços públicos disponíveis como fazê-lo de forma segura. Destaque para os contatos da Casa da Mulher Brasileira, o Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher, o Disque 100 (Direitos Humanos, violência sexual contra crianças e adolescentes), o Disque Cidadania e a Defensoria Pública do Estado de São Paulo que vem disponibilizando assistência por WhatsApp ou por ligação telefônica gratuita e 24h por dia em casos de violência doméstica durante a pandemia por Covid-19. Estes canais facilitam o registro de denúncias e as encaminham aos órgãos competentes, inclusive de forma anônima.

Assim, essas proposições sonoras têm o intuito de ecoarem ativismos feministas, de exercício de escuta e do cuidado entre mulheres que podem estar em situação de perigo. Lembrando que esta ação do Mal-Amadas é, também, uma resposta criativa ao aumento substancial dos casos de agressão doméstica e feminicídios, com queda nos registros de crimes em unidades de delegacias de polícia destinadas às mulheres por causa das dificuldades de realizar a denúncia presencialmente e pela vulnerabilidade neste período de isolamento social⁴.

³ Marta Baião é *ativista* feminista, fotógrafa, doutora em Artes Cênicas (ECA-USP), atriz e diretora do Mal-Amadas Poética do Desmonte Grupo de Teatro Feminista. Também coordena o Centro de Informação da Mulher Organização Feminista, criado em 1981, principal acervo de documentos e cartazes sobre o movimento feminista no país.

⁴ Outra campanha que teve reverberação nas mídias durante a pandemia foi a “Sinal Vermelho Para a Violência Doméstica”. A proposta é que as vítimas mostrem a palma da mão marcada com um X vermelho para que atendentes de farmácias como forma de pedir ajuda e acionar a polícia. Iniciativa do Conselho Nacional de Justiça e a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), embora seja interessante, a campanha mascara a falta de políticas públicas concretas para os direitos das mulheres neste governo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/08/02/pandemia-amplia-canais-para-denunciar-violencia-domestica-e-buscar-ajuda.htm>. Acesso em: out. 2021

Ação 2: Podcast veiculado pelo YouTube, SoundCloud, Instagram e Spotify⁵

(Vinheta de abertura, música Maria da Vila Matilde, de Elza Soares - Remix: Shaitemi DJ⁶)

Oi, tudo bom? Eu me chamo Keila e agradeço muito você me escutar hoje. Porque eu vim ter uma conversa séria com você, aquela que olhamos do fundo dos olhos. Mas não é só porque é uma conversa séria que precisa ser chata, né? Então, vamos começar com uma brincadeira? Fica todo mundo de pé. É muito importante saber aqui quem tem um corpo? Sabe este corpo? Ele é só seu. Gostaria de pedir pra você que já está de pé, abrir os braços para os dois lados, bem abertos. E dá uma voltinha. Quando nós abrimos os braços, ficamos maiores porque nosso corpo ocupa mais espaço.

Mas sabe este “espaço”? Ele é só seu. Então, nós vamos chamá-lo de “meu espaço”. Assim, ninguém que você não queira – e pode ser alguma pessoa estranha ou até alguém que você conhece – absolutamente ninguém pode acessar esse “seu espaço” sem a sua autorização. Proteger o “seu espaço” é como proteger o seu corpo. O seu corpo tem que ser cuidado com carinho e atenção.

[...] Você tem que evitar que coisas ruins aconteçam ao seu corpo. Sabe quando a gente cuida dos brinquedos, dos bichinhos e de tudo que gostamos? O nosso corpo também merece cuidado. Então, a conversa séria de hoje é justamente sobre essas coisas estranhas que podem acontecer com você, criança. Essas coisas estranhas eu vou chamar aqui de “abuso infantil”, tá?

Você já ouviu falar de abuso infantil? Não? Então, chega aqui. É quando alguém, qualquer pessoa mais velha faz algo que te faz sentir esquisita, estranha, se sentir mal ou até mesmo te machucar. Algo que você sente que está errado. Muitas vezes essa pessoa invade o seu espaço e quer tocar o seu corpo ou quer que você toque o corpo dela. E pode ser tanto uma pessoa que você nunca viu ou um vizinho, um tio, alguém da sua família. Em geral, essa pessoa sabe que está errada e pede para você não contar para ninguém. Às vezes, pode ser que a pessoa faça até uma ameaça, diga que a sua mãe não vai mais gostar de você, ou diz que vai machucar sua família. Ou pode ser que a pessoa diga que é um carinho, que é amor e que é um segredo só de vocês.

[...] E como se proteger do abuso infantil? Você precisa ser uma criança que sabe dizer NÃO quando não gosta de alguma coisa. Você também não pode aceitar nada de

alguém que você não confia. Não vá a nenhum lugar com alguém que não conheça, mesmo que ela te diga que vai te levar até a sua mãe, seu pai, sua avó ou pra brincar com um cachorrinho. Outra coisa, é muito importante saber em quem você pode confiar e contar tudo o que acontece com você. Essa pessoa de confiança pode ser a sua mãe, o seu pai, um irmão, uma irmã, sua professora que você mais gosta.

Antes de dar tchau, eu queria dar uma dica e eu preciso que você me prometa que vai seguir. Você promete? É o seguinte, assim que eu me despedir você terá a missão de descobrir e decorar três coisinhas: o seu nome completo, o nome completo da pessoa que você confia e o seu endereço que é o nome da rua, o número da sua casa, o bairro onde você mora e até a cidade. Você pode escrever, repetir, perguntar, desenhar e fazer de tudo para guardar na gaveta da sua memória, bem dentro da sua cabecinha, todas essas informações. Porque se um dia você precisar de ajuda, essas informações podem ser muito úteis e importantes. [...] Eu já vou me despedindo. Espero encontrar vocês na próxima vez.

Esta pílula integra a série de *podcasts* produzidos pelo Núcleo de INvestigações FEministas (NINFEIAS), vinculado à Universidade Federal de Ouro Preto, sob a coordenação da performer e pesquisadora Nina Caetano⁷. O núcleo, composto por alunas e egressas do curso de Graduação e Pós-graduação em Artes Cênicas da UFOP e mulheres da comunidade ouropretana, tem como finalidade a investigação teórico-prática dos feminismos e a criação de estratégias performativas, pedagógicas e artísticas. Juntas realizam intervenções cênicas urbanas, mostras artísticas, rodas de conversa, cine debate, palestras e oficinas para a rede pública de educação, para a assistência social e entidades de apoio às mulheres e meninas de Ouro Preto e região.

A pandemia afetou diretamente os encontros e as atividades que vinham desenvolvendo. Com a impossibilidade de realizar ações presenciais, a saída foi pensar em formatos digitais, como a criação de *podcasts*, para manter o vínculo e o canal de informação com suas

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/NP34WpSIKkh>; <https://soundcloud.com/ninfeias/para-criancas-abuso-infantil-pilulas-feministas-2021-ep15>; <https://www.instagram.com/p/CT2GILbggJN/>; <https://open.spotify.com/episode/7rd35LD2m048QAZRE8wWp1>. Acesso em: set. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6V8lL8xn7g>. Acesso em: set. 2021.

⁷ Nina Caetano é performer, ativista feminista e pesquisadora da cena contemporânea. Coordena, desde 2013, o NINFEIAS. Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP, ela também é professora do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas e do Departamento de Artes da UFOP. E, como gosta de destacar, atua como a DJ Shaitemi Muganga a partir de sonoridades brasileiras e de raiz africana e músicas de mulheres cis e pessoas trans.

redes. Assim, desde o início da pandemia, o NINFEIAS vem produzindo e veiculando o programa “Pílulas Feministas” em plataformas digitais. O intuito é produzir conteúdos feministas interseccionais e com uma linguagem didática e acessível. As pílulas tratam de diferentes temas da agenda feminista, abordando a violência doméstica, tráfico de mulheres, padrão de beleza, relações tóxicas, relacionamentos abusivos, aborto, visibilidade trans etc. Até o momento, foram criados e estão disponíveis *online* 34 *podcasts*, divididos em categorias como entrevistas, bate-papo, pesquisas, lutas e movimentos feministas.

E o episódio destacado acima faz parte da categoria “Para Crianças”, pílulas de curta duração e com uma abordagem lúdica, direcionadas ao público infante-juvenil. A arte-educadora Keila Assis, autora deste *podcast* que, propõe uma brincadeira simples e rápida para explicar o que é abuso infantil, agressão física e maus-tratos contra crianças e adolescentes, as formas de identificá-lo e as atitudes que as crianças podem tomar para buscar proteção e ajuda. Um alerta urgente é que em 80% dos casos registrados no Brasil nos últimos meses aconteceram dentro de casa, justamente por quem deveria proteger as crianças, ou seja, os próprios familiares. E grande parte das vítimas são meninas⁸.

Ação 3: Videoperformance criada para o Edital Cultura Feita em Casa (PR)⁹

Frame com a pergunta: “Como está sendo o seu [des]velhecer na pandemia?”

Izildinha, 64 anos:

“Nesses tempos de pandemia, a vida mudou muito. A gente estava acostumada com uma rotina e, de repente, tivemos que mudar tudo. Eu tive que reaprender a fazer as coisas, a estudar, mexer mais na internet. Na minha família, por incrível que pareça, todo mundo ficou desempregado. E aí a gente teve que aprender a se virar com alguma coisa. A vida tem que seguir, a gente não pode parar. Continuei fazendo as minhas aulas de dança e canto pela internet. Aproveitei esse tempo para colocar a casa em ordem. Tirei um bocado de coisas velhas que estavam paradas. A gente se descobriu. Vivemos mais juntos agora: minha filha, meu marido e eu. E inventamos um torneio de tranca para nos distrair. De vez em quando, começamos a ficar meio ‘maluquinhos’, a gente começa a jogar e vai embora até duas horas da manhã. Assim são esses novos tempos de pandemia.”

Antônia, 78 anos:

“A pandemia, em princípio, foi um susto. Depois veio a percepção de quanto somos impotentes. E a impotência realmente me incomoda. Como é que uma coisa pequenininha pode causar tanto pânico em todo mundo? Mas quando o perigo é iminente, a gente aceita e se preserva naturalmente porque a preservação da vida é uma coisa que flui natural no indivíduo. Então, eu fiquei em casa isolada e cuidada porque eu sou do grupo de risco. E nesse ínterim, eu percebi que a minha fé ficou fortalecida. Também aconteceu uma coisa bem interessante: eu, antes, que criticava tanto o uso do celular, comecei a perceber o quanto é importante. Só lamento não ter tanto conhecimento técnico para poder usufruir melhor desse recurso. Hoje é o meu meio de comunicação com o mundo, com os meus amigos, com os meus familiares, com os meus grupos de estudo. É por onde eu vejo o mundo. E de resto, sabe o que acontece até tudo isso acabar? Haja paciência, haja saco!”

Dulce, 64 anos:

“No princípio não me dei conta do que estava acontecendo.”

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/18/com-pandemia-denuncias-de-abuso-sexual-contracrianças-e-adolescentes-crescem-mas-sao-feitas-de-forma-tardia.ghtml>. Acesso em: out. 2021.

⁹ O Edital “Cultura Feita em Casa”, do Governo do Estado do Paraná, selecionou no segundo semestre de 2020 conteúdos digitais artísticos e culturais autorais finalizados para exibição por meio de plataformas de *streaming* e mídias. A videoperformance “[des]velhecer: reflexões sobre a mulher e o envelhecimento [na pandemia]”, do Coletivo Rubro Obsceno foi um dos projetos contemplados no edital e está disponível em: <http://www.prcultura.pr.gov.br/Pagina/desvelhecer-reflexoes-sobre-mulher-e-o-envelhecimento-na-pandemia>. Acesso em: set. 2021.

tecendo. Fiquei em casa, filhos proibindo de sair até mesmo de ir à porta da rua. Quando me dei conta já estava na quarentena. Comecei a me sentir velha, desprovida de tudo. Quando vi que a coisa estava ficando feia, sem poder falar ou estar com alguém, gritei. Foi um grito muito forte. Como se eu desse um basta nessa situação. Gritei e bati portas para ouvir barulhos e me sentir viva. Comecei a me interiorizar e buscar coisas que falassem de mim. Olhei minhas fotos antigas. Li coisas que tinha escrito. Voltei a cantar em casa, o que me fez muito bem. As notícias de fora, as pessoas se comunicando com as outras nas suas sacadas, músicos tocando, gente cantando e alegria transbordando apesar de tudo. Comecei a escrever e a pensar nas pessoas que estavam na mesma situação que a minha. Cantei, dancei e fui me sentindo melhor. Até ginástica que eu vi pela TV eu comecei a fazer também. Descobri que realizar alguma coisa que fazia ou tive vontade de fazer no passado, agora, era muito bom. Sem críticas apenas fazer algo. Faz bem para alma, emociona e rejuvenesce. Valeu tudo e continua valendo. Buscar em você algo que goste é importante. Não se criticar também. Soltar tudo. E aproveitar para ser você mesma.”

Estes são alguns relatos de mulheres com mais de 60 anos que integram “[des]velhecer: reflexões sobre a mulher e o envelhecimento [na pandemia]”, videoperformance do Rubro Obsceno. Criado em 2013, em São Paulo, com o objetivo de realizar projetos artísticos e sociais voltados para diferentes grupos de mulheres: soropositivas, em situação de violência, em cárcere e “idosas”¹⁰.

“[des]velhecer” é um projeto sociocultural em processo, de incentivo à inclusão intergeracional e integra uma série de atividades artísticas e formativas sobre temas relacionados às mulheres e o envelhecimento. Consiste na realização de uma ação cultural destinada a mulheres acima de 60 anos, com oferta de ofi-

cina artística para elaboração cênica autoral, com o intuito de abordar poeticamente suas passagens de tempo e “[des]velheceres”. Todo material dramático e a construção das ações cênicas são tecidos a partir das biografias, exploração de relatos, memórias e objetos pessoais das participantes, sobre os quais reconstituímos suas “linhas do tempo”. Não há construção de personagens, elas performam a si mesmas nas apresentações públicas ao final do projeto. Em cena, cada uma pode revisitar suas histórias e ressignificar suas vidas ao narrarem-se.

Para o edital “Cultura Feita em Casa”, convidamos as participantes¹¹ de edições anteriores do projeto para responder “como está sendo o seu [des]velhecer na pandemia?” Nossa proposta era nos aproximar e atender as “idosas” com quem criamos vínculos, neste período em que muitas vivem sozinhas, afastadas de seus familiares ou se reinventam, como relatado nos depoimentos coligidos para este vídeo, como forma de enfrentar as intempéries do confinamento. Nosso intuito com este experimento era, de mais a mais, incentivá-las à prática digital poética, integrando suas vidas e arte. Participam conosco desta ação as artistas Edith de Camargo, na criação da trilha original, e Nina Pires na edição.

O projeto “[des]velhecer” original e presencial foi apresentado no Festival Vértice, em Florianópolis (2012); na Mostra De|Generadas, do Sesc Santana (SP); no Multicidade Festival Internacional de Mulheres nas Artes Cênicas, no Rio de Janeiro (2018) e no Sesc Paulista (2020), integrando as atividades do Dia Internacional das Mulheres de 2020.

¹⁰ O Rubro Obsceno é coordenado por Leticia Olivares e por mim, atrizes pesquisadoras das Artes da Cena, com destaque para os estudos feministas e a cena contemporânea. Promoveu grupo de estudos sobre gênero, oferta de oficinas, criações artísticas e festival, como a “Mostra ObsCENAs: encontro de mulheres artistas”. Em parceria com a artista mexicana Violeta Luna, criou a performance memorial às mulheres vítimas de feminicídio na América Latina, intitulada “Para aquelas que não mais estão”, apresentada em São Paulo, Curitiba, Santiago do Chile, Bogotá e Buenos Aires.

¹¹ São elas: Antonia Olivares Rodrigues, Dulce Helena Abinader, Izildinha Caruso e Maria Rodrigues Damascena.

Ação 4: Teatro on-line, com transmissão ao vivo pelo Zoom. O link de acesso é publicado meia hora antes nas redes sociais do grupo

(Cômodo da própria casa da atriz que está sentada à frente do computador, cuja webcam fixa a enquadra num plano americano reduzido ao espaço da janela virtual. Destaque para seus grandes olhos com maquiagem borrada. Muda o figurino em cena, realiza um gestual partitizado, manuseia objetos de cena. Ao fundo, uma cortina de tiras brancas corta o ambiente na vertical, reforçando a ideia de cela sugerida pela dramaturgia. Vemos alguns objetos como uma cabaça, uma garrafa de cachaça, plantas. Vez ou outra, a atriz desloca-se para o fundo. Há momentos em que a cena é matizada por músicas que reforçam o tom de protesto, como “Pássaros, mulheres e peixes”, de Alessandra Leão¹².)

“Misturadas todas as folhas e flores, resgatamos nossas raízes e revolvemos terra comunal de nossas ancestrais. Terra comunal é a vida em comunidade. Sabemos hoje que podemos e devemos usar nossa voz, pois não estamos sós. O meu seguro, hoje, é sua escuta, sua mão, seu olhar. Criamos leis a nosso favor, temos grupos de mulheres em cada canto dispostos a nos resgatar e apoiar, temos as Promotoras Legais Populares. Eu venho conhecendo tanto grupo de mulher que quer nos ajudar e apoiar, eu venho juntando as mulheres em grupos para se apoiar e ajudar. A gente estuda as leis, a gente estuda nosso corpo e nossa saúde. A gente estuda nossa história e nosso direito. A gente estuda o patriarcado e a nossa falta de direitos. A gente luta junta, pensando, aprendendo, escrevendo, construindo, criando tanta coisa bonita junta. A gente junta pra desconstruir essa pátria de homens que não dá mais para aceitar. Minha história ganha eco na sua e não estamos mais sozinhas. Nossa casa é a rua, é o mundo.

Iá Mi, você me deu uma cabaça com um pássaro mágico dentro. Todas nós, mulheres, somos o pássaro dentro da cabaça. Há quem diga que este pássaro é muito maléfico. E poderá ser mesmo, se assim quisermos. Mas, da mesma forma, poderá levar a boa notícia, a boa colheita, o descanso, o reconhecimento, a doçura, a arte, o calor e, mais do que tudo, o grito de força e união que reverbera novos mundos possíveis.

Iá Mi, resgato sua história para lembrar que sou humana, que sinto amor e sinto raiva, que sou forte e tenho medo, que luto e desanimo.

Agora os nossos pássaros estão soltos. Não andamos mais sozinhas, andamos em bando, formamos tecido denso e vigoroso. Não nos calamos.

Estamos livres.

Estamos vivas.”

Este é o trecho final do espetáculo “Estamos vivas”, uma criação das Atuadoras, solo e dramaturgia de Maysa Lepique, direção de Vera Lamy, luz e cenário de Silvana Marcondes e Evelyn Cristina na coordenação técnica e musical. Criado durante a pandemia, marca o reencontro e uma nova configuração do coletivo que, desde a sua origem, pretende reunir mulheres artistas em torno de projetos comuns. As Atuadoras passaram por um hiato de tempo sem criar, após terem realizado ações artísticas de ativismo feminista, na cidade de São Paulo, com intervenções urbanas e em atos feministas, instalação audiovisual, criação de espetáculos teatrais e documentários, oferta de oficinas e participação em eventos variados¹³.

“Estamos vivas” narra as memórias de uma mulher em situação de cárcere. Aos poucos vão-se tecendo pedaços de canções, partituras corporais e poesia que, ao final, somam-se num manifesto feminista contra as violências no sistema prisional considerando as diferenças de gênero. Inspirada em dados biográficos da atriz/dramaturga, a personagem narradora Iá Mi é, entre tantas outras mulheres que sofrem violência doméstica, Maria Luisa, avó de Maysa Lepique e suas lembranças de convívio e infância ao seu lado. E o ponto de virada revelador na dramaturgia é o fato de transformar-se numa figura vingadora dos violadores e feminicidas. Segundo a sensibilidade crítica de Valmir Santos:

O texto e a atuação de Maysa Lepique invertem os papéis da brutalidade. E o fazem a partir de um território invisibilizado: o do cárcere feminino, de onde a protagonista elenca os atos que cometeu, atando-os à memória de sua avó chamada Iá Mi. [...] Os olhos claros vítreos da atuante podem intimidar com fúria ou convencer de seus argumentos por justiça. Uma ambi-

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N5LxiX-EZAA>. Acesso em: set. 2021.

¹³ O coletivo foi criado em 2006, em São Paulo, pelas atrizes Daniele Ricieri e Maysa Lepique. O espetáculo “mulher a vida inteira” (2008), Poe exemplo, com direção de Renata Zhaneta, foi apresentado somente para plateias de mulheres, em penitenciárias, associações, escolas e entidades de apoio às mulheres (LEPIQUE; RICIERI, 2009, p. 26). Desde então, vem realizando parcerias com outros grupos teatrais e agregando mulheres artistas conforme o projeto, com propostas mais espaçadas no tempo, tendo à frente dessas iniciativas Maysa Lepique.

guidade bastante produtiva ao expor a recusa à subordinação conservadora e dar o que pensar sobre a normalização das atitudes e omissões dos homens e do Estado, cometidas só pelo fato de elas serem elas, mulheres. (SANTOS, 2021, n.p.)

A cena se completa com as rodas de conversa, propostas após as apresentações, com juízas, promotoras egressas sobreviventes do sistema carcerário. Temas variados são tratados para refletir sobre o machismo na estrutura do judiciário, o caráter político das prisões, a pandemia na cadeia, as diferenças de raça e gênero nos tratamentos da população encarcerada. E também assuntos referentes ao teatro na internet e a arte como transgressão. Para as Atuadoras, o espetáculo, em si, não é só um lugar de exercício artístico, mas um espaço aberto para criação de redes de informação, escuta e afeto.

“Estamos vivas” tem acontecido ao vivo e gratuitamente. Entretanto, as criadoras pedem ao público uma contribuição espontânea para a campanha de arrecadação destinada à Libertas Cooperativa, que realiza atividades formativas diversas para reintegração social de mulheres sobreviventes e egressas do sistema prisional de São Paulo. Uma forma de estar em exercício do ativismo e criar redes de solidariedade nestes tempos de falta.

Ativismos de janela

Apesar de hoje avançarmos na imunização da população mundial, o que reflete diretamente na queda do número de mortes e contágios de novos casos de Covid-19, com abertura das regras e protocolos de contenção da pandemia e retorno às atividades presenciais, vivemos, aqui no Brasil, a consternação e a dor do luto diante de cada uma das mais de 600 mil vidas descontinuadas até o momento¹⁴. Vivemos, também, a perplexidade diante deste governo escandalosamente vergonhoso, tido como a pior gestão pública do mundo na condução da pandemia, com o seu negacionismo tacanho em relação às

medidas de enfrentamento do coronavírus. Vivemos o impacto da crise econômica, gerando desemprego, empobrecimento, fome e vulnerabilidade econômica sem precedentes¹⁵. Vivemos a intensificação da segregação socioeducacional com exclusão digital, considerando as desigualdades de classe e raça no ensino remoto. Vivemos as contradições do isolamento social que tornaram mais visíveis a profunda divisão entre vidas que podem manter-se protegidas em casa e vidas descartáveis que estão permanentemente em risco ao sair para trabalhar nos serviços tidos como essenciais.

Há os/as confinados/as e os/as não confinados/as, e estes últimos garantem a vida cotidiana dos primeiros, levam os produtos aos comércios abertos porque são “essenciais” ao funcionamento da sociedade, arrumam as mercadorias nas prateleiras, organizam os caixas; são os coletores e coletoras de lixo, as funcionárias e os funcionários dos correios, os entregadores, os motoristas de transporte público, as mulheres responsáveis pela limpeza de clínicas e hospitais, os motoristas de transportes rodoviários, as babás e tantas outras profissões. (...) Classe, gênero, idade, racialização, problemas de saúde, problemas de babás para as crianças, preocupações com o próximo perpassam os dois grupos, mas as pessoas não confinadas são mais expostas ao estresse, à inquietude, ao cansaço e à contaminação. (VERGÈS, 2020, p. 21)

Como posto no prefácio da edição brasileira de *Um Feminismo decolonial* (2020), da cientista política Françoise Vergès, há todo um contingente de classe, raça e gênero a ser considerado nas diferentes condições para o exercício da quarentena. Nelas, evidenciaram-se as violências sistêmicas, os controles biopolíticos e as omissões do Estado que produzem diferenças, discriminação e dominação dos grupos sociais vulnerabilizados, amenizados pelo discurso da segurança pública.

A chegada da Covid-19 provocou um retrocesso dos ganhos históricos dos movimentos de mulheres. Houve um impreterível retorno

¹⁴ O Brasil ultrapassou a marca de 600 mil mortes por Covid-19 no início de outubro de 2021, segundo dados levantados pela Agência CNN com as secretarias estaduais de saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-ultrapassa-a-marca-de-600-mil-mortes-pela-covid-19-segundo-dados-da-cnn/>. Acesso em: out. 2021.

¹⁵ Os alimentos tiveram um aumento de preço em 15% no país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa é quase o triplo da inflação geral registrada no período de pandemia. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/11/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte-do-estado-agravam-drama-dos-trabalhadores>. Acesso em: out. 2021.

do trabalho ao espaço privado, com forte impacto na vida das mulheres, que atinge, mesmo que de forma desproporcional, tanto as que estão em isolamento quanto as que estão em atividade presencial. O espaço público/privado do trabalho alterou-se significativamente com a pandemia, embaralhando *home office*, *home-schooling*, tarefas domésticas e a sobrecarga do trabalho invisível e não remunerado do cuidado que chafurdam ainda mais as mulheres em afazeres que acentuam as desigualdades de gênero. A pandemia, também, intensificou a feminilização do trabalho informal quando não o desemprego em detrimento da ética do cuidado, com prejuízos na renda familiar que resultam na perda da autonomia econômica e vulnerabilidade diante das violências no ambiente domiciliar. Lembrando que, ao se recomendar ficar em casa, há um subjugar da segurança da vida de meninas e mulheres que são reiteradamente atingidas pela violência doméstica. A casa é o espaço mais inseguro para a mulher, segundo a terceira edição do estudo “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” (2021), desenvolvido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em parceria com o Instituto de Pesquisas Datafolha:

Uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência no último ano no Brasil, durante a pandemia de Covid. Isso significa que cerca de 17 milhões de mulheres (24,4%) sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. [...] A residência segue como o espaço de maior risco para as mulheres e 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa, percentual que vem crescendo. (FÓRUM BRASILEIRO, 2021, p. 10; 12)

Ficar em casa pode ser uma medida protetora para algumas e uma sentença de morte para outras. A convivência com agressores com-

panheiros e/ou familiares associada à perda de renda, à falta de políticas públicas e campanhas de acolhimento às mulheres e ao afastamento físico de uma potencial rede de apoio e proteção, têm agravado o quadro de violência contra as mulheres e meninas no Brasil neste período. E, como ato final das violências psicológica, moral, sexual e patrimonial¹⁶, estarecidas vivemos o crescimento dos casos de feminicídio: 1.338 mulheres foram assassinadas por feminicídio no país em 2020, com avanço de 2% dos casos no mesmo ano, após um aumento de 8% em relação a 2019.¹⁷ Entretanto, sabe-se que há subnotificação dos registros.

Desde o início da pandemia, autoridades mundiais se manifestaram contra a escalada da violência doméstica, como o secretário-geral da ONU, António Guterres: “Eu rogo a todos os governos que coloquem a segurança das mulheres em primeiro lugar nas respostas à pandemia”¹⁸. Desde então, diferentes países têm se mobilizado para criar estratégias e políticas públicas sólidas para a contenção da violência doméstica. E o nosso governo, o que tem feito? Não há dúvidas que o aumento do feminicídio no Brasil tem sido estimulado pelo afrouxamento das regras de aquisição de armas e munição, pelo desmonte das medidas e políticas de proteção social às mulheres e meninas e, também, pelo estímulo à misoginia que reforçam o recrudescimento dos dispositivos retrógrados de controle biopolíticos que geram intolerâncias e violências racistas, homofóbicas, transfóbicas, machistas. E nós, encerradas em nossas janelas (reais e virtuais), como estamos reagindo a este cenário? O que estamos fazendo para nos mantermos vivas? E vivas tanto no sentido de preservação da vida quanto o de continuarmos em ativismo neste tempo de interdição.

¹⁶ Somadas à violência física, estas são a tipificação das violências contra as mulheres e meninas previstas na Lei Maria da Penha. Essas formas de agressão não ocorrem isoladas umas das outras e são atos de violação dos direitos humanos e devem ser denunciadas. Na ficção, um destaque entre as séries produzidas pela Netflix neste período foi “Maid” (EUA, 2021), com direção compartilhada, atuação e produção ativista da atriz Margaret Qualley. A série retrata uma jovem mãe solteira que deixa um relacionamento abusivo, vítima de agressões psicológicas, morais e patrimoniais que, normalmente, são preteridas à violência física. Baseada no best-seller autobiográfico “Maid: Hard Work, Low Pay and a Mother’s Will to Survive”, de Stephanie Land. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81166770>. Acesso em: out. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/06/brasil-registra-1338-feminicidios-na-pandemia-com-forte-alta-no-norte-e-no-centro-oeste.shtml>. Acesso em: out. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/assassinatos-de-mulheres-em-casa-dobram-em-sp-durante-quarentena-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: out. 2021.

Cada vez mais se faz imprescindível propor estratégias independentes e criativas para o enfrentamento da violência contra mulheres, abrindo novos mecanismos de redes de apoio e ativismos, com disseminação de informação e ampliação dos canais de denúncias. Como não podemos estar com as nossas pares nas comunidades e nas ruas devido às orientações dos protocolos de responsabilidade sanitária e social que restringem a circulação e aglomeração de pessoas, vem sendo desenvolvida a criação e manutenção de redes informais e alternativas no formato *on-line*. São experiências de ativismos feministas digitais plurais que persistem na continuidade da luta e das pautas dos movimentos sociais. Devemos, como alerta a filósofa Judith Butler,

“[...] ter em mente que o gênero está sendo redefinido pelo confinamento, para então fazermos o possível para manter vivas as correntes de afeto, comunidades, alianças *queer* e solidariedade *online* até pudermos, mais uma vez, demonstrar nossos números nas ruas” (BUTLER, 2020, n.p.).

E como persistência da manutenção de nossas lutas, ofício e fazeres artísticos, reverencio aqui as quatro ações descritas no início deste texto, desenvolvidas por mulheres artistas ativistas feministas como tática para nos mantermos vivas. As audiomensagens, *podcasts*, *videoperformances* e teatro *on-line* apropriam-se e reeditam as ferramentas digitais para organizar, produzir e realizar poéticas disruptivas mediadas pela tecnologia. Atualizam os modos de estar em cena, levando em conta a existência virtual, como alternativa para driblar os efeitos da ausência e da interdição nesses dias em que não podemos ocupar os teatros e as ruas. Con-

vocam quem as assiste para reagir contra dispositivos de poder, avigorados pelas adversidades da pandemia. E estabelecem interatividade midiaticizada com circulação de afetos e cuidado umas com as outras.

É o que chamo de “ativismo de janela”, diferente do “ativismo de sofá” ou *clicktivism*¹⁹ porque requer uma atitude crítica ativa, com estratégia criativa interconectada que informa, dissemina lutas e resulta em ações concretas em prol do coletivo. O nome refere-se às janelas físicas de nossas casas que são historicamente por nós ocupadas como uma extensão das ruas, nos episódios de protesto coletivos, espontâneos e pacíficos em geral contra posições e medidas governamentais, utilizando para tal fim recursos sonoros como apitos, vaías e o cada vez mais usual *panelaço*²⁰. E, também, as janelas virtuais que abrimos em rizoma no ambiente digital, muitas vezes um simulacro das ruas e de nossas presenças físicas. Em ambas, fazemos propagar nossas vozes e palavras de ordem num alcance para além dos nossos quintais.

O ativismo de janela requer a construção de poéticas outras e vale tudo o que estiver ao alcance no espaço íntimo de nossas casas: usar recursos tecnológicos que temos à mão; captação de áudio e/ou imagem com equipamentos não-profissionais, sendo na maioria das vezes, feita por *webcams* ou aparelhos celulares de uso pessoal; assumir uma iluminação e cenários improvisados; recorrer a programas de edição gratuitos e limitados em suas operações; produzir as ações com pouco ou nenhum financiamento; e transmiti-las de forma autônoma, muitas vezes veiculadas em plataformas de *videoconferências* ou nas redes sociais nos perfis

¹⁹ “Ativismo de sofá” se refere ao uso da internet para apoiar causas políticas ou de direitos humanos, nas redes sociais, sem esforço”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/ativistas-de-sofa-expressao-associada-preguica-ressignificada-na-pandemia-24994535>. Acesso em: out. 2021.

²⁰ “[...] a origem do *panelaço* tem como berço a América Latina, especificadamente o Chile na década de 1970 governado pelo então presidente Salvador Allende e denominado como “Cacerolazo. [...] No Brasil, o “*Panelaço*” como um evento político reconhecido pela mídia, teve sua primeira aparição em ambiente domiciliar no ano de 2015, especificadamente no dia 8 de março, durante o pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff em rede nacional. [...] A partir de 2019, os *panelaços* parecem ter assumido outra personificação em seu conjunto de atores políticos, tendo em vista que ele foi convocado inclusive por políticos de esquerda, além de serem contra o atual Presidente Jair Bolsonaro. [...] Em 2020, após Bolsonaro dizer que tudo não passava de “pura histeria”, em relação às medidas a serem tomadas perante a crise pandêmica do vírus COVID-19, tanto uma parcela dos manifestantes que bateram panela em 2015 e que eram opositores ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), quanto os militantes de esquerda juntaram-se nessa forma de protesto contra o Presidente”. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/breve-historia-dos-panelacos-e-o-caso-brasileiro>. Acesso em: out. 2021.

das artistas e de seus grupos. Ou seja, ações que tomam por princípio estético e operacional o autodidatismo do “faça-você-mesma”, do inglês *DIY* ou *do-it-yourself*. (TOLOKONNIKOVA, 2019, p. 35)

A partir dessas propriedades operacionais, é importante lembrar que o ativismo de janela é herdeiro direto dos ativismos performativos tecnopolíticos. Para a artista e pesquisadora argentina Marcela A. Fuentes (2020), a tecnopolítica é mais que o ciberativismo. É o cruzamento entre o agenciamento de corpos em protestos com as redes digitais, como cocriadores de ações criativas insurgentes, com o objetivo de desafiar o *status quo* e responder aos sistemas sociais contemporâneos adversos. Dado o seu caráter digital, a tecnopolítica e o ativismo de janela rompem os limites geopolíticos e alcançam um raio de difusão transfronteiriça.

Se no capitalismo avançado as redes digitais intensificam o fluxo de capital e informação através de grandes distâncias, as constelações de performance permitem que ativistas e manifestantes expandam ações corporais e expressivas para além do espaço físico e, assim, conectem lutas locais e globais. (FUENTES, 2020, p. 21)²¹

Balizando o sistema algorítmico corporativo, é fato que a pandemia incentivou a articulação de outras formas de se fazer protestos socioestéticos utilizando as janelas e em escala tempo/espaço expandidos. Além da produção de poéticas ativistas recontextualizadas para o meio digital, como vimos, tem-se tornado cada vez mais frequente a proposição de uma série de atividades remotas que nos mantém em contato. O fenômeno das *lives*, por exemplo, com irradiação de conteúdos formativos, assim como a participação em conferências, palestras, rodas de conversa nas plataformas mediadoras de práticas relacionais não presenciais criam, entre nós, aproximações mesmo que de caráter quimérico e efêmero. As transmissões dessas

atividades têm ocorrido ao vivo, com interação do público/usuários em tempo real ou permanecem hospedadas e disponíveis no ciberespaço de forma assíncrona para posterior fruição, como meio de arquivo e memória.

Soma-se ao ativismo de janela, o nosso trabalho em sala de aula enquanto pesquisadoras e professoras universitárias que não deixa de ser mais uma frente de atuação pedagógica de ativismos na formação da/o artista. Essa condição impulsiona abordagens de outras epistemologias e estabelece uma reação crítica diante da – ainda! – predominância dos saberes hegemônicos e/ou androcêntricos institucionais, o que tem resultado num crescente interesse e disseminação dos estudos feministas e de gênero nos programas graduação e pós-graduação em Artes Cênicas em diversas universidades brasileiras (FISCHER, 2018). Ainda que no formato remoto, ministrar aulas, conduzir grupos de estudo, orientar pesquisas acadêmicas, organizar e participar de eventos acadêmicos e festivais de teatro *on-line* nacionais e internacionais com abordagens feministas²², tem nos conservado em ação e estado de ativismo.

É importante ressaltar que o ativismo de janela não substitui o presencial e vice-versa, assim como o “teatro neotecnológico não pretende substituir nem superar o teatro de presença física”, como explica Jorge Dubatti (2021, p. 264). Deriva uma urgência em politizarmos nossas coexistências e sobrevivências a partir de redes flexíveis e alianças possíveis, criando um “tecno-elo” entre mulheres. Diferentemente da relação convivial, a qual se baseia no encontro de corpos em presença física, o tecno-elo aproxima-se ao que Jorge Dubatti chama de relação tecnovivial, “aquelas ações em solidão ou em encontro desterritorializado, que são realizadas por recursos neotecnológicos (áudio, visual e audiovisual), numa presença telemática que permite a subtração do corpo

²¹ “Si en el capitalismo avanzado las redes digitales intensifican el flujo del capital y la información atravesando grandes distancias, las constelaciones de performance les permiten a activistas y manifestantes expandir las acciones corporales y expresivas más allá del espacio físico y así vincular luchas locales y globales”. Tradução minha.

²² The First Online Magdalena Festival, Bodies On Life, e a 4ª. Edição do Mestiza Chile Festival, por exemplo, aconteceram de forma remota neste ano de 2021. Ambos festivais estão vinculados ao Magdalena Project, rede de artistas mulheres das artes da cena, e reuniram espetáculos, conversas, oficinas com artistas mulheres de diferentes nacionalidades e linguagens artísticas.

físico” (DUBATTI, 2020, p. 253).

Diante de todo esse sobrevoos, e apesar da abismal segregação e exclusão social que este universo remoto fruto da pandemia avigora, principalmente em relação aos grupos mais vulneráveis que não têm acesso a economia capital tecnológica, é possível existirmos e resistirmos *on-line*. Fomos convocadas a utilizar todo um novo vocabulário técnico e relacional para a emergência de práticas outras para estarmos juntas, cada uma em sua janela, construindo proximidades e tecno-elos, através de uma perspectiva feminista, como nos incentiva a antropóloga decolonial Rita Laura Segato:

[...] o vírus veio para impor uma perspectiva feminina ao mundo: repensar os nós da vida comunitária com sua lei de reciprocidade e ajuda mútua, entrar no “projeto histórico de vínculos” com seu objetivo idiossincrático de felicidade e realização, recuperar a politização do doméstico, domesticar a gestão, tornar a administração equivalente ao cuidado e fazer do cuidado sua principal tarefa. É o que tenho chamado nestes dias de “Estado materno”, como diferente daquele Estado patriarcal, burocrático, distante e colonial que nossa história nos acostumou a desconfiar (SEGATO, 2021, p. 17).

Diferentes entre si pelo uso da linguagem e poéticas, as quatro ações aqui tratadas estão comprometidas com o “estado materno”, no qual protagoniza a lei do cuidado (emocional e físico), de nos ampararmos sob uma atitude feminista. Assim como o fazem o Mal-Amadas e NINFEIAS, com as campanhas de informação e apoio às vítimas de violência doméstica neste momento de reclusão; no trabalho do Ru-

bro Obsceno com o incentivo à prática digital poética de idosas afastadas de seus familiares; e a arrecadação de fundos para entidades de mulheres, haja vista as Atuadoras ao destinar valor sugerido do ingresso de “Estamos vivas” para as egressas da Libertas Cooperativa.

As ruas, as intervenções na cidade, o palco e o abraço residem na nossa memória corporificada. Sabemos que a janela é apenas uma efígie da luta e da arte, e não o seu substituto. A pandemia evidenciou o crescimento ultrajante das desigualdades, das injustiças e das violências sistêmicas naturalizadas em nossa cultura. É incerto conjecturar o que será daqui por diante. Não há garantias que voltaremos ao “normal” e nem queremos isso. Queremos uma volta às nossas vidas (e uma transformação global, por que não?!) sob a égide feminista. Postura esta que reivindica um compromisso com o global, com a justiça, com o meio ambiente, com a/o outra/o, pois “transformar só é possível quando se inclui o próprio corpo, criando uma nova epistemologia e uma nova ética da natureza, que nos permitam recuperar o sentido profundo de pertencimento, de empatia, necessário para criar e recriar a vida.” (BRETÁN, 2019, p. 140).

Assim, finalizo no desejo que possamos consagrar o que cada janela tem a oferecer em direção ao estabelecimento de outros modos de pensar, de ser e agir. No desejo de que não nos acovardamos diante do cansaço e da desesperança em relação ao mundo lá fora, sigamos temporariamente interditadas, mas não caladas.

REFERÊNCIAS

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. Ecofeminismo. In: **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

BUTLER, Judith. Quando a economia se torna o berro agonizante dos eugenistas. Entrevista por Juan Dominguez e Rafael Zen. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 13 maio 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/quando-a-economia-se-torna-o-berro-agonizante-dos-eugenistas>. Acesso em: out. 2021.

DUBATTI, Jorge. Experiência teatral, experiência tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem superação evolucionista, nem destruição, nem vínculos simétricos. **Rebento**, São Paulo, no. 14, Jan-Jun 2021, p. 254-269. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/609>. Acesso em: out. 2021.

FISCHER, Stela. A crescente disseminação dos estudos feministas na pesquisa em Artes Cênicas e suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais. **Revista Urdimento**, 3(33), p. 296-310. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018296>. Acesso em: out. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 3ª edição. **DataFolha Instituto de Pesquisa**, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: out. 2021.

FUENTES, Marcela A. **Activismos tecnopolíticos. Constelaciones de performance**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2020.

LEPIQUE, Maysa; Ricieri, Daniele. **Peça para mulheres: história e poesias do espetáculo teatral mulher a vida inteira**. São Paulo: Editora Esfera, 2009.

SANTOS, Valmir. A poesia vinga a dor da outra. **Teatrojornal**, 13 de março de 2021. Disponível em: <https://teatrojornal.com.br/2021/03/a-poesia-vinga-a-dor-da-outra/#more-26054>. Acesso em: set. 2021.

SEGATO, Rita Laura. Somos todos mortais: o coronavírus e a natureza aberta da história. **Revista Em Tese**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,

REFERÊNCIAS

v. 18, n. 01, p. 11-22, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/79158/45439>. Acesso em: out. 2021.

TOLOKONNIKOVA, Nadya. **Um guia Pussy Riot para o ativismo**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Abstract

Based on four online feminist artistic activism actions (the project “Quarantine without violence against women”, by Mal-Amadas Poética do Desmonte Feminist Theater Group/SP; “Pílulas Feministas”, podcasts produced by the Núcleo de Investigações FEminISTAS /MG; the video performance “[de]velhecer: reflections on women and aging [in the pandemic]”, creation of Rubro Obsceno/SP; and the online performance “Estamos vivas”, by Atuadoras/SP), this text proposes a reflective account of how we are keeping ourselves alive and active in this pandemic period.

Keywords

Feminist performance. Online activism. Women artists.

Recebido em: 01 nov. 2021

Aceito em: 01 nov. 2021

Publicado em: 16 dez. 2021